

# As ruínas de Laranjeiras (SE): arqueologia histórica e educação patrimonial em foco

*The ruins of Laranjeiras (SE): historical archaeology and heritage education focus*

**Janaina Cardoso de Mello**

Doutora em História Social (UFRJ);  
PROARQ – Mestrado em Arqueologia (UFS).  
janainamello@uol.com.br

**Cristina de Almeida Valença Cunha Barroso**

Doutora em Educação (UFBA)  
Núcleo de Museologia (UFS)  
Tina\_valenca@yahoo.com.br

## Resumo

As ruínas enquanto alegorias do fragmento, do incompleto, do edifício que não existe mais, contém a beleza da durabilidade e da efemeridade do vestígio, com uma fala e um saber incrustado em suas pedras. São espaços de rememoração, implicando em sua conservação e consolidação. Frente aos esquecimentos das transformações contemporâneas as ruínas sofrem depredações pela ação do tempo ou de banalizações humanas individuais ou institucionais (demolição ou restauração). Ao estudar a cultura material a arqueologia histórica pretende reconstituir e compreender a relação das pessoas com o ambiente social de Laranjeiras (SE). A educação patrimonial com pesquisas e trabalhos de campo nas ruínas pauta-se na noção de que para a preservação desse *corpus* material é necessária a conscientização da população. Neste artigo buscamos discutir os princípios da arqueologia histórica, a intervenção humano/temporal nas ruínas e as ações para a preservação, conservação, manutenção e conscientização dos bens patrimoniais urbanos.

**Palavras-chave:** Consolidação. Educação patrimonial. Ruínas.

## Abstract

The ruins as allegories of the fragment, of the incomplete, of the building that does not exist any more it contains the beauty of durability and ephemerality of vestiges, with a speech and make known showed a bullet lodged in its stones. They are spaces of recollection, implying in their conservation and consolidation. Against the fading memories of the contemporary transformations the ruins suffer depredations by the action of time or by individual human or institutional vulgarization (demolition or restoration). Studying the material culture the archeology historic wants to rebuild and understand the relationship of people with the social environment of Laranjeiras (SE). The heritage education with research and field work in the ruins is based on the notion that for the preservation of this material *corpus* to awareness of the population is necessary. In this article we seek to discuss the principles of historical archeology, the human/temporal intervention in ruins and the actions for the preservation, conservation, maintenance, and awareness of urban property.

**Key words:** Consolidation. Heritage education. Ruins.

## 1 A arqueologia histórica: princípios e fundamentos

A disseminação de graduações e pós-graduações em arqueologia no Brasil demanda uma reflexão sobre as questões que têm orientado uma parcela dos profissionais que atuam nas cidades e principalmente aqueles que elegeram a arqueologia histórica com objetos de pesquisa mais recentes. Nessa perspectiva, o trabalho arqueológico com as ruínas urbanas e as propostas de consolidação arquitetônica e educação patrimonial convergem para aproximação às demandas dos cidadãos leigos na área, mas protagonistas das ações de preservação de seu patrimônio identitário.

A prática da arqueologia, outrora relegada aos corredores silenciosos das universidades e aos empoeirados depósitos dos museus, foi transformada em uma disciplina com um engajamento significativo com o público (FUNARI; ORSER; SCHIAVETTO apud ZANETTI, 2005, p. 17).

A arqueologia busca o estudo e a compreensão dos vestígios físicos relacionados à cultura material de um povo, uma vez que todo objeto é produto da ação de homens e mulheres (HABER, 2004). Através da “fala” dos objetos a arqueologia é capaz de remontar o percurso de grupos sociais em tempos e espaços distintos. Desse modo, a arqueologia consolida-se como um campo científico autônomo e estimulante do estudo de sistemas sócio-históricos e culturais, com uma documentação específica capaz de fornecer não apenas bases comprobatórias da pesquisa histórica ou antropológica, mas uma gama de informações plurais (TRIGGER, 1989).

A grande maioria dos arqueólogos diria hoje que seu campo de investigação compreende tanto a história como a antropologia, como outras disciplinas relacionadas, incluindo, por exemplo, a geografia histórica e cultural, a economia política e a cartografia. Assim mesmo, a Arqueologia Histórica não é nem história, nem antropologia, nem sequer uma conjunção das duas. Simplesmente é um amplo campo de investigações que combina um grande número de abordagens. (ORSER JR., 2000).

Embora a arqueologia tenha se ocupado regularmente da pré-história e da antiguidade dos povos, a arqueologia histórica de origem norte-americana e europeia, redimensionada na América Latina, centra-se nas transformações mundiais após 1500 d.C. Trata dos aspectos materiais (históricos, culturais e sociais) e dos efeitos do mercantilismo europeu que permanecem na contemporaneidade (ORSER JR., 2000).

O olhar sobre as dimensões simbólicas, ideológicas e funcionais do objeto arqueológico deve apreendê-lo no contexto relacional de produção do comportamento dos agentes que viviam no interior de um grupo, tempo e espaço (COURBIN, 1982, p. 82-90).

A metodologia arqueológica busca o entendimento de homens e mulheres no conjunto de relações sociais e sistemas culturais a partir de sua cultura material abrangendo, como sugere Bietti Sestieri (1996, p. 6-13), três áreas: 1) levantamento da anterioridade; 2) trabalho de campo multiarticulado, local e regional, atento ao estudo da paisagem, de sua evolução e da inter-relação entre o homem e o seu ambiente (delimitando áreas culturais das quais os sítios individuais fazem parte, sob os aspectos da geomorfologia, da paisagem antiga, dos recursos, da distribuição e hierarquia das ocupações, das vias de comunicação); 3) classificação e análise das diversas categorias de dados.

Para o trabalho de campo há uma tipologia dos métodos que podem ser adotados: a) Coleta superficial sistemática, onde o pesquisador deve coletar todo o material da superfície; b) Prospecção, na qual o pesquisador realiza uma sondagem (corte em camadas artificiais e análise de material) para verificar principalmente se outras culturas além da que é constatada na superfície habitaram o local; c) Escavação, consistindo na demarcação do sítio em quadrículas e utilizando o mesmo trabalho da prospecção. A escavação é a modalidade mais complexa devido à maior dificuldade e a importância relacionada à salvação de sítios arqueológicos (RIBEIRO, 1977; FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, 1990).

Após o trabalho de campo haverá o trabalho laboratorial quando os objetos coletados passarão pela fase de lavagem do material, seguida pela secagem e depois pela análise e classificação segundo tipo, forma, função etc. (RIBEIRO, 1977).

Poderá haver a aplicação de métodos de datação dos objetos (GREENE; MOORE, 2002): estratigráfica, tipológica (cronológica) e absoluta (por sedimentos glaciais, dendrocronologia, potássio-argônio, análise de flúor, isótopos de hidrogê-

nio, urânio-chumbo, cronologia astronômica, análise obsidiana, termoluminescência, cronologia arqueológica comparada absoluta e carbono-14).

Sobre a prospecção ou escavação de um sítio, a legislação brasileira para a arqueologia determina a proteção do patrimônio arqueológico, as proibições à destruição de sítios, e à mutilação e comércio de peças, a obrigatoriedade da solicitação de autorização federal para a realização de escavação e pesquisas, bem como a licença concedida pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em caso de transferência de objetos patrimoniais para o exterior.

## 2 As ruínas na arqueologia histórica: pesquisa e consolidação

Laranjeiras, no Estado de Sergipe estruturou-se no século XVIII às margens do rio Cotinguiba onde havia um pé de laranjeira, sob o qual os viajantes descansavam e entoavam canções românticas até o momento de se porem na estrada. Para além das versões poéticas a cidade se tornou um dos principais pontos comerciais de *Sergipe Del Rey*, obtendo da produção da canaveira sua principal fonte de renda (SILVA; NOGUEIRA, 2009, p. 40).

Elevada a Vila em 7 de agosto de 1832, já era em 1824 a povoação mais rica da província de Sergipe com mais de 60 engenhos de açúcar, fábricas de charutos e de aguardentes e representações comerciais europeias. Em 4 de maio de 1848 foi elevada à cidade. Com a instalação da Alfândega de Sergipe a localidade se transformou em “[...] importante empório comercial para cuja feira ‘concorriam comboios de quase todos os pontos da província’ comunicando-se diretamente com as capitais da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco” (DANTAS, 1972, p. 17).

De 1878 a 1904, a cidade de Laranjeiras vivenciou o seu “período áureo”, ostentando o título de “Atenas sergipana”. A efervescência cultural da cidade era balizada por dois grandes teatros: o Santo Antônio e o São Pedro, onde desfilaram grandes nomes nacionais.

As ruínas do Teatro São Pedro estão localizadas na Praça Possidônia Bragança, de frente para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos, ao lado do prédio da antiga delegacia. A obra do teatro jamais foi concluída mas, mesmo assim, foi palco para a visita de D. Pedro II, acompanhado de D. Tereza



**Imagem 1: Ruínas do Teatro São Pedro (parte externa)**

Foto: Janaina Cardoso de Mello, Laranjeiras – SE, 24/01/2011.

Cristina a Laranjeiras. Em novembro de 2010 a cidade recebeu o príncipe D. Antonio de Orleans e Bragança, bisneto da princesa Isabel, para “redesenhar seus passos ancestrais”.

O teatro possui somente a fachada e parte de uma parede lateral. Sua arquitetura pode ser classificada como neoclássica ortodoxa, com tendências ao neocolonial tradicionalista. Sua estrutura de sobrado conserva janelas e portas em arco. Não há impedimento a circulação no local, colocando em risco a segurança de moradores próximos.

Com a urbanização do século XIX, as famílias tradicionais migraram para a nova capital Aracaju, permanecendo em Laranjeiras a população dependente do trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar, sob um quadro de deterioração do patrimônio arquitetônico, porém mantendo a cultura imaterial local.

No século XX, com a redução das áreas rurais em Laranjeiras houve a ampliação da população urbana com novos modos de viver. A diversificação das atividades econômicas intensificou o trabalho nos mercados e fábricas, a moradia em conjuntos habitacionais populares e o uso de serviços públicos coletivos. O surto epidêmico na região fez as famílias abastadas



**Imagem 2: Ruínas do Teatro São Pedro (parte interna)**

Foto: Janaina Cardoso de Mello, Laranjeiras – SE, 24/01/2011.

remanescentes migrarem para Aracaju. Sem investimentos particulares ou do governo o patrimônio arquitetônico foi relegado ao esquecimento. Considera-se que a difícil sobrevivência econômica tenha promovido a manutenção das ruínas, mesmo em estado de degradação, do contrário suas fachadas estariam cobertas por cerâmicas ou pedrarias eliminando suas características originais.

O hospital São João de Deus, na rua lateral da Igreja Nossa Senhora Conceição dos Pardos<sup>1</sup>, destacou-se no início do século XX pela presença do Dr. Antônio Militão de Bragança. Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1883, clinicou no Rio de Janeiro e, mais tarde, em Alagoas. Ao regressar a Laranjeiras foi empossado em 1898 como Delegado de Higiene. Participou em 1910 da fundação da Sociedade de Medicina de Sergipe e em 1911, atuou no combate ao violento surto de varíola que atingiu Laranjeiras e quase a despovoou. Praticou também a oftalmologia e dele se conta, sem comprovação, que teria secretamente atendido a Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, retirando-lhe de um dos olhos um graveto.

Mito ou verdade, conta-se que Lampião teria dado entrada no hospital de Laranjeiras passando-se por um fazendeiro pernambucano e que, após recuperar-





### Imagem 3: Ruínas do Hospital de Laranjeiras

Foto: Janaina Cardoso de Mello, Laranjeiras – SE, 24/01/2011.

se da cirurgia, teria pago as despesas do mês de internação e deixado o local durante a madrugada, registrando com carvão em uma das paredes o recado: “Doutor, o senhor não operou fazendeiro nenhum. O olho que o senhor arrancou foi o do Capitão Virgulino Ferreira da Silva, Lampião”. A população de Laranjeiras relata, com orgulho, que por esse fato a cidade foi poupada da invasão do cangaieiro e seu bando, como ocorreu em outras localidades de Sergipe.

Vizinho à loja maçônica, o hospital encontra-se em ruínas, conservando somente sua fachada e protegido em sua entrada por uma frágil cerca improvisada com arame farpado e ripas de madeira, por se tratar de uma propriedade particular da família Bragança. Sua arquitetura possui grande variedade estilística com janelas e porta arqueadas, frisos e vários ornamentos em forma de losangos com brasões, flores, além de um entalhe de um anjo adornando acima da porta da entrada.

Para Brandi (2004, p. 65) a ruína: “[...] será, pois, tudo aquilo que é testemunho da história humana, mas com um aspecto bastante diverso e quase irreconhecível em relação àquele de que se revestia antes.” A ruína, enquanto alegoria, oriunda do fragmento, do incompleto do edifício que não existe mais, contém em si a beleza da durabilidade e da fugacidade do vestígio, possuindo algo



**Imagem 4:** Detalhe na parte inferior das ruínas do Hospital de Laranjeiras

Foto: Janaina Cardoso de Mello, Laranjeiras – SE, 24/01/2011.

a dizer, um saber incrustado em suas pedras e alicerces. Por isso as ruínas aparecem como espaços de memorização, implicando sua conservação e consolidação.

Com a manutenção das ruínas e não sua restauração, a sua conservação tais como foram legadas ao presente sob a ação do tempo e a ação depredatória humana sustenta uma ação preservacionista atuante e responsável, ao mostrar o produto desta relação de uso e de interferência, mediante a clareza desta relação.

*Ruins may be ruins; however, whether temple or cathedral, modern railway terminal or ancient marble quarry, irrespective of artistic worth, they must be conserved and 'preserved as found'<sup>2</sup>.*

As críticas às escolhas estéticas realizadas na restauração arquitetônica, ao uso de materiais inadequados na construção, bem como a ausência de um procedimento de escavação arqueológica com maior durabilidade e rigor têm se multiplicado. A consolidação das ruínas visualiza a possibilidade de transformá-las em um grande laboratório de estudos avançados sobre a sociedade local e suas heranças constitutivas, levando-se em consideração que, para além de uma “re-



modelagem plástica urbana”, a essência da colonização em seus conflitos étnicos e sociais distintos subsiste em cada pedra daqueles edifícios de matriz portuguesa.

A preservação desse bem material, tal como a intervenção humano/temporal o legou à sociedade do presente é, sobretudo, a bandeira de luta fundamental para que não se perca nos emaranhados de cirurgias estéticas arquitetônicas ou de esquecimentos induzidos um determinado momento sócio-histórico sergipano e brasileiro. Considerando-se que:

*Ruins of all these building types remain throughout the country and are an important part of our national heritage. While they have survived, sometimes for hundreds of years, they will not survive indefinitely without periodic care and attention. Ruins are buildings that no longer have their original defences against the elements, such as roofs, windows and doors, while the loss of floors, parts of walls and other fabric may have altered or weakened their structural integrity<sup>3</sup>.*

As intervenções para consolidação das ruínas devem ser precedidas por um diagnóstico exaustivo de anomalias estruturais, utilizando técnicas pouco invasivas para avaliar a integridade das construções (PINHO; BAIÃO; LÚCIO, 2003, p. 467).

Medidas de proteção, utilizando coberturas temporárias, evitam a deterioração acelerada de paredes e madeiras, até que um plano de consolidação elaborado por especialistas seja posto em prática. Os cuidados devem ser tomados para evitar maiores danos sob a ação do vento e da chuva, sem “eternizarem-se” em função da falta de investimentos do poder público ou privado. A universidade federal e setores organizados da sociedade civil em Laranjeiras são essenciais ao processo, para que não sejam apenas observadores passivos mas, sim, protagonistas na preservação do patrimônio urbano.

O escoramento da estrutura pode ser necessário para evitar o desabamento de paredes, telhado ou andares. Um engenheiro estrutural deverá avaliar e propor a retenção temporária de emergência, se necessário, mas todas as propostas devem ser reversíveis e discutidas com as autoridades responsáveis pela homologação das atividades de salvaguarda realizadas.

No cuidado e conservação das ruínas, o arqueólogo será essencial para agregar valor aos vestígios de grupos subordinados, evitando que sejam esquecidos e protegendo-os da visitação pública e exploração científica inadequadas, uma vez que a cultura material ali encontrada pode adicionar novas informações ao conhecimento do local, pois:

uma das razões que permitem que questões sociais possam ser abordadas a partir de estruturas arquitetônicas refere-se à descoberta, de que elas podem ser ‘lidas’ da mesma forma que os estratos arqueológicos do solo (ORSER JR., 2000, p. 36-37).

As escavações para drenagem e as fundações devem possuir um acompanhamento arqueológico para evitar técnicas inapropriadas e para registrar os itens descobertos durante a escavação, a pesquisa e/ou da reintegração do que foi encontrado e removido para análise. Acima das estruturas do solo os métodos do arqueólogo irão registrar o desenvolvimento histórico e as origens de uma construção, recuperar dados, catalogar e higienizar os objetos, validar propostas e criar suportes para a consolidação do sítio arqueológico. Esses estudos podem fornecer informações valiosas sobre o conhecimento dos períodos anteriores, assim como das relações sociais e de produção que se desenvolviam nesse espaço (RENFREW; BAHN, 2004).

Procedimentos para a saúde e segurança dos trabalhadores, pesquisadores e da população residente nas proximidades das ruínas devem ser implementados com a instalação de barreiras e avisos de “Estrutura Perigosa” de caráter público e com boa visibilidade. Avaliações devem ser feitas e o local deve ser mantido seguro para todo o pessoal visitar, mesmo em estágios iniciais.

A drenagem pode danificar a superfície maciça e as tonalidades com a cristalização repetida de sais solúveis nos poros da argamassa, pedra e gesso e, até mesmo, em tijolos expostos nas proximidades provocados pelos ciclos de molhagem e secagem. Até que a ruína seja estabilizada serão necessárias proteções temporárias com folhas de geotêxtil<sup>4</sup> e areia para o reforço das edificações (LIND, 2007).

Um cuidado especial deve ser dado à vegetação enraizada nas paredes e telhados que podem corroer e desestabilizar o núcleo de construções em alvenaria. Sua remoção deve ser precedida de uma catalogação da espécie, dentro

dos parâmetros da legislação ambiental vigente, com atenção para evitar-se mais danos a estrutura.

Um estudo completo deve ser realizado por consultores especializados para explorar a viabilidade das propostas de consolidação de ruínas frente ao desejo de se conservar o máximo do patrimônio local em Laranjeiras. Todavia, sem abdicar de, ao se conservar as ruínas do tempo passado, manter um contínuo diálogo das edificações com a contemporaneidade e as demandas sociais da população que a cerca através de projetos educativos.

### 3 Educação patrimonial nas ruínas: proposta de um novo olhar sobre a cidade

As ruínas de Laranjeiras apresentam-se como um conjunto de testemunhos arquitetônicos de grande valor histórico e patrimonial que revelam as manifestações materiais da expansão econômica e cultural do período imperial sergipano. Nesta acepção, convém pensar na possibilidade de provocar o olhar e despertar a sociedade para o valor cultural desses bens patrimoniais. Torna-se necessário problematizar a forma com a qual a sociedade se apropria da cultura material e, ao mesmo tempo, sugerir perspectivas para uma possível proposta pedagógica de educação patrimonial.

A função social da educação tem como meta a disseminação do conhecimento independente do modo, via condições e mesmo de distinção, principalmente por se tratar de ruínas que representam diferentes relações de produção, diferentes momentos históricos. As ruínas são indícios/representações da passagem do homem e da configuração de certos hábitos sociais, mas também se constituem em aportes materiais únicos que deixam de representar para “ser”. As ruínas são objetos únicos em si, que discursam, que emitem intencionalidades, que falam de si e do seu entorno. Como refletiu Anna Pontes (2009, p. 3901):

Entre a memória e a preservação de espaços que se fazem de algum modo representativos para as sociedades a que pertencem, o patrimônio em ruínas é, por si só, contraditório, já que reúne num único bem destruição e preservação. Ao olhar o fragmento, percebe-se o encanto dos restos que, mesmo em tal estado, contam

com algo a dizer e a representar. Aquilo que foram e aquilo que são no presente desperta toda uma poética que exaltam os sentidos. E, neste meio, o próprio conceito de ruínas é algo complexo e digno de análise.

Para a sugestão pedagógica de educação patrimonial aqui proposta leva-se em consideração a necessidade de compreender que a ruína é o objeto a ser discutido, a ser estudado, a ser ensaiado, a ser descortinado e não apenas o elemento que ela foi – o antigo teatro ou o antigo hospital – com as funções próprias de um período e características de um estilo. A ruína não serviria de trampolim para compreender apenas o passado, mas ela deve ser vista e admirada dentro do seu valor histórico e, conseqüentemente, patrimonial atual.

O desafio é desenvolver o olhar para compreender a importância das ruínas, o desafio é promover a educação estética para apreciar a ação do tempo sobre os monumentos, sobre essa região. A ruína é prova da história, ela comprova a riqueza histórica dessa região, no entanto não precisa ser sempre tomada como fonte histórica. Neste sentido, a sugestão pedagógica aqui inscrita tenciona demonstrar as potencialidades da cultura material como instrumento educativo/informativo na promoção e na conscientização do valor patrimonial e histórico das ruínas. Implica dizer que, para alcançar esse objetivo, faz-se necessário pensar uma ação educativa que promova a construção e democratização dos saberes, investigação sobre as relações de identidade que a comunidade local mantém em relação às ruínas, e sobre as relações de proximidade dos visitantes com o seu próprio passado.

As ruínas como lugar de memória corroboram para aguçar sensibilidades, afetividade, pertencimento. Os lugares de memória são os “[. . .] bastiões sobre os quais se escora toda a escolha do lembrar [. . .]” (NORA, 1993, p.13). Isto porque as ruínas, enquanto significado, sensibilizam e, enquanto signo, registram, marcam, delimitam, sugerem reforçando, assim, as relações de identidade. Por isso as ruínas de Laranjeiras são um “[. . .] construto coletivo de memórias coletivas [. . .]” (CHRISTOFOLETTI; MELLO, 2010, p. 120).

O ano de 2004 foi um marco para a consolidação do uso das ruínas em projetos de educação patrimonial, de educação formal e não-formal. Mas desde 1996 as ruínas começaram a se destacar enquanto objetos de estudo e de transposição didática:

Os trabalhos realizados junto às Ruínas buscaram, a partir de então, aprimorar o caráter e a vocação educacional do espaço em questão, realizando diversos projetos que visassem aproximar a história, a cultura e a memória do lugar, concorrendo para que a comunidade pudesse, a partir de então, sentir-se responsável pela preservação desse monumento nacional. (CHRISTOFOLETTI; MELLO, 2010, p.125).

A sugestão pedagógica propõe que os fragmentos sejam os símbolos daquilo que ainda resiste, que esses fragmentos possam sensibilizar as percepções de modo que o visitante sinta a necessidade de políticas públicas para preservação cultural, se encante com a monumentalidade e, ao mesmo tempo, reflita sobre o descaso social. A visita às ruínas de Laranjeiras é um meio educativo eficaz porque elas proporcionam admiração e inquietação e são as que irão provocar aprendizagens e reflexões.

Além da visita, os projetos de ação educativa direcionados às ruínas envolvendo principalmente a comunidade devem corroborar para garantir a aproximação mais significativa com o bem cultural e, conseqüentemente, com as memórias coletivas. O trabalho com os educadores também deve se constituir em um importante veículo difusor da história e da memória viabilizando as descobertas sobre o valor do patrimônio local. Este sim, passa a ser uma alternativa incondicional para a promoção da educação patrimonial visto que o professor, enquanto mediador cultural, possui socialmente garantida a legitimidade do discurso proferido. Assim, seu poder de convencimento, de disseminação e de sensibilização é mais efetivo. Eles ajudam a qualificar o discurso de apropriação dos bens patrimoniais.

Apesar das dificuldades de se implementar e manter programas de educação patrimonial, os projetos que priorizam a educação, a conscientização e a valorização do patrimônio são imprescindíveis para a aplicação de processos ativos de apropriação do conhecimento e do sentimento de pertença da cultura local.

## 4 Considerações finais

A arqueologia histórica, tem atuado, cada vez mais, no sentido de estabelecer conexões com a população local, aproximando as instituições das pessoas comuns,



inteirando-a dos vestígios do passado também como um retrato do presente ao abrir janelas para um patrimônio coletivo, gerador de benefícios coletivos, sejam econômicos, sociais, políticos ou culturais.

O estudo da cultura material pelo viés da arqueologia histórica aliada à educação patrimonial capaz de socializar conhecimentos lança novos olhares sobre a sociedade moderna de Laranjeiras (SE), podendo-se reconstituir e compreender a relação dos grupos com o ambiente social e urbano ao longo dos tempos.

Uma população que tem domínio das informações aprende a importância da salvaguarda, preservação e promoção do patrimônio cultural ao adquirir ferramentas para reivindicar seus direitos junto às instâncias competentes, além de valorizar os espaços de reconstituição e afirmação de sua identidade cultural.

## Notas

- 1 Construída no século XIX por pardos, a igreja tornou-se centro de devoção a Nossa Senhora da Conceição. O Imperador Dom Pedro II, em sua visita a Laranjeiras, contribuiu com donativos para conclusão das obras.
- 2 “Ruínas podem ser as ruínas, no entanto, se templo ou catedral, terminal ferroviário, moderna ou antiga pedreira de mármore, independentemente do valor artístico, devem ser conservadas e ‘preservadas como encontrado’” (Tradução livre da autora) In: ASHURST, 2007, p. 83. *OwiLer foneticam* Dicionário.
- 3 “Ruínas de todos estes tipos de construção continuam em todo o país e são uma parte importante do nosso patrimônio nacional. Apesar de terem sobrevivido, às vezes centenas de anos, elas não vão sobreviver indefinidamente sem cuidado e atenção periodicamente. Ruínas são os edifícios que já não têm as suas defesas contra os elementos originais, como telhados, janelas e portas, enquanto a perda de pisos, paredes e peças de outro tecido pode ter alterado ou enfraquecido a sua integridade estrutural” (Tradução livre da autora) In: GOVERNMENT OF IRELAND, 2010, p. 12.
- 4 Geotêxtil não-tecido, fabricado 100% com fibras sintéticas, para aplicação em obras de drenagem, filtração, separação e reforço de solos, atua como elemento com excelentes características mecânicas e hidráulicas.

---

## Referências

- ASHURST, John (ed.) *Conservation of ruins*. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2007.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- COURBIN, Paul. *Qu'est-ce que l'Archéologie?* Essai sur la nature de la recherche archéologique. Paris: Payot, 1982.
- DANTAS, Beatriz Góis. *A taieira de Sergipe*. Uma dança folclórica. Petrópolis: Vozes, 1972.
- FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, Victor M. *Teoría y método de la Arqueología*. Madrid: Síntesis, 1990.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GREENE, Kevin; MOORE, Tom. *Archaeology: An introduction*. London and New York: Routledge, 2002.
- GOVERNMENT OF IRELAND. Ruins. *The Conservation and repair of Masonry Ruins*. Dublin: The Stationery Office, 2010.
- HABER Alejandro F. *Arqueología de la naturaleza/naturaleza de la Arqueología*. Colômbia: Ed. Uniandes, 2004.
- LIND, Tuija. *How to treat ruins?* In: NFB CONFERENCE. 2007. Greenwich: Annals. . . Greenwich: BLF, 2007.
- ORSER JR., Charles E. *Introducción a la Arqueología histórica*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología/ Ediciones del Tridente, 2000.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. *Archaeology*. London: Thames and Hudson, 2004.
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. *Manual de introdução à Arqueologia*. Porto Alegre: Sulina, 1977.
- SESTIERI, Bietti. Protostoria. *Teoria e pratica*. Roma: Carocci, 1996. p. 43-93.
- SILVA, Eder D. da; NOGUEIRA, Adriana Dantas. Lançando um olhar sobre o patrimônio arquitetônico de Laranjeiras. In: NUNES, Verônica M. M.; NOGUEIRA, Adriana Dantas (Org.). *O despertar do conhecimento na colina azulada*. A Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras. V. 1. São Cristóvão: EDUFS, 2009. p. 37-98.
- TRIGGER, Bruce G. *Historia del Pensamiento Arqueológico*. Barcelona: Editorial Crítica, 1989.
- PINHO, Fernando F. S; BAIÃO, Manuel F. C.; LÚCIO, Válder J. G. *Técnicas de consolidação de paredes de edifícios antigos*. In: 3º ENCORE. 2003. Lisboa: Actas. . . Lisboa: LNEC, 2003. p. 465-473.
- PONTES, Anna Maria de L. *A vivência do morto: a preservação de monumentos histórico-culturais em ruínas*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4, 2009. Maringá: Anais. . . Maringá: UEM, 2009. p. 3901-3907.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História - PUC, São Paulo, n. 10, p. 7- 28, dez. 1993.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo; MELLO, Andre M. de. *Os projetos educativos das ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos: discussões preliminares sobre o patrimônio*. Revista CPC, São Paulo, n. 10, p. 116-139, maio/out. 2010.

ZANETTI, Paulo Eduardo. *Maloqueiros e seus palácios de barro*. O cotidiano doméstico na casa bandeirista. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia)- MAE/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

recebido em 20 abr. 2011 / aprovado em 8 nov. 2011

**Para referenciar este texto:**

MELLO, J. C.; BARROSO, C. A. V. C. As ruínas de Laranjeiras (SE): arqueologia histórica e educação patrimonial em foco. *Dialogia*, São Paulo, n. 14, p. 163-178, 2011.